

RESISTINDO AO MUNDO TRISTE: A BRINCADEIRA E A CARNAVALIZAÇÃO COMO ATOS REVOLUCIONÁRIOS

Kallyne Kafuri Alves¹

Resumo: No eixo das discussões sobre a teoria bakhtiniana no fortalecimento das reflexões sobre a área da Educação, o texto focaliza o tema da brincadeira como um ato revolucionário. Com perspectiva teórica-metodológica bakhtiniana (BAKHTIN, 2004; 2006; 2010a; 2010b; 2011), tematiza sobre os conceitos bakhtinianos na abordagem do tema da resistência ao mundo triste pela via da brincadeira como um ato revolucionário. Com isso, busca desenvolver reflexões sobre o tema a partir de três pontos: o desafio do reconhecimento da interação e da brincadeira no contexto social da Educação Infantil, o brincar e o carnavalizar como possibilidades de viver a vida alegre e a cultura popular como uma cultura do brincar, com destaque à brincadeira e ao carnaval de Recife (PAJEÚ, 2014). Assim, conclui com a ideia da brincadeira e da carnavalização como atos revolucionários para subverter o tempo triste.

Palavras-chave: Educação Infantil, Perspectiva teórico-metodológica bakhtiniana, Ato revolucionário, Brincar, Formação de Professores.

STRENGTHENING THE SAD WORLD: THE JOKE AND CARNIVAL AS REVOLUTIONARY ACTS

Abstract: At the heart of the discussions about Bakhtin's theory in strengthening reflections on education, the text focuses on the theme of play as a revolutionary. With a Bakhtinian theoretical-methodological perspective (BAKHTIN, 2004; 2006; 2010a; 2010b; 2011), he thematizes about the Bakhtinian concepts in approaching the theme of resistance to the sad world by way of play as a revolutionary. With this text, you can translate the following topics: the challenge of recognizing interaction and play in the social context of Early Childhood Education, playing and carnivalizing as possibilities to live a joyful life and popular culture as a culture of play, And the carnival of Recife (PAJEÚ, 2014). Thus concludes with an idea of play and carnivalization as revolutionary acts to subvert sad time.

Keywords: Early Childhood Education. Bakhtinian theoretical-methodological perspective. Revolutionary act. Play. Formation.

¹ Doutoranda em Educação (PPGE/UFES). Integrante do Grupo de Pesquisa Formação e Atuação de Educadores (GRUFAE). E-mail: kallynekafuri@hotmail.com

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.

1 INTRODUÇÃO

Na busca de desenvolvimento da ideia apresentada no resumo, o texto se constitui em três tópicos seguidos das considerações finais e das referências, tematizando sobre a brincadeira como um ato revolucionário no contexto da resistência ao mundo triste. Tem como objetivo a reflexão sobre o ato de brincar, produzido na relação dialógica. Considera o ato da brincadeira como uma possibilidade de estabelecer um ato revolucionário, que altera o outro e o cotidiano vivido, na justificativa de acreditar nas relações entre os seres humanos, como um lugar de potência e de ressignificação da realidade.

Assim, no primeiro tópico, tematiza o desafio do reconhecimento da interação e da brincadeira no contexto social da Educação Infantil (EI), com destaque para os enunciados das secretarias de educação dos municípios, a partir de pesquisa realizada². No segundo tópico, tematiza sobre o brincar como uma possibilidade de viver a vida alegre resistindo ao mundo triste, compreendendo o sujeito que carnavaaliza como um sujeito brincante. No terceiro tópico, discorre sobre a Cultura Popular como uma cultura do brincar, com destaque para o carnaval de Recife, especialmente o frevo como brincadeira que carnavaaliza a vida.

Com essa arquitetura, segue com as considerações finais em que defende a ideia da brincadeira como um ato revolucionário que carnavaaliza as formas do viver, finalizando com a apresentação das referências. Considerando isso, passamos ao primeiro tópico, que informa a problematização da temática do brincar.

2 OS DESAFIOS DO RECONHECIMENTO DA INTERAÇÃO E DA BRINCADEIRA NO CONTEXTO SOCIAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Conforme já mencionamos, apostamos na ideia do brincar como uma possibilidade de viver a vida alegre, compreendendo esta proposta associada ao contexto de carnavaalização e Cultura

² Pesquisa de doutorado que tematiza sobre a formação nas instituições de Educação Infantil Conveniadas. Os dados primários se referem à primeira parte da pesquisa, que realiza mapeamento sobre a Educação Infantil Conveniada no Espírito Santo.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.

Popular, inspirados a partir da teoria bakhtiniana. Assim, dando prosseguimento a essa aposta, tratamos, neste tópico, sobre o desafio do reconhecimento da interação e da brincadeira no contexto social da Educação Infantil.

Nessa pauta, acreditamos no riso como um território sagrado da infância, em que possamos acreditar na possibilidade de aprender pela via da interação e da brincadeira (BRASIL, 2009), resistindo e fomentando cada vez mais a busca pela afirmação desses eixos como direitos da EI. Tais eixos se constituem em meio à conjuntura de tantos outros desafios, que ameaçam as conquistas e os avanços do nosso tempo³, que integram os atos de desrespeito e descuido para com o outro.

Nesse tempo vivido, também nos motivamos a refletir sobre o tema da resistência, a partir dos dados produzidos no desenvolvimento da pesquisa qualitativa de cunho exploratório, realizada com objetivo de mapear o contexto da EI no Espírito Santo (ES)⁴. Para este texto, recortamos os dados relativos aos desafios dos municípios no que se referem à EI em cada município. O tema da brincadeira, associado com o tema da formação de professores, teve a ocorrência nas entrevistas, informando que persiste no campo da formação, o desafio de trabalhar a temática, conforme indicam os dados produzidos na pesquisa de doutoramento realizada junto aos reponsáveis pela EI das secretarias municipais de educação do ES:

Quadro 1 – Dados sobre os desafios da EI no contexto dos municípios do ES

<p><i>A questão do brincar e do alfabetizar - a formação dos professores. Isso é confuso na cabeça dos professores. Chega na sala de aula mistura na cabeça e aí na sala ele acaba alfabetizando. E tem a pressão das famílias. Aí tem essa cobrança (MB1)</i></p>	<p><i>O trabalho feito na creche é bem lento. Até com professor tem que trabalhar muito essa questão do brincar e educar. Porque acha que é só para descansar (MA13)</i></p>
<p><i>Os professores antigos não entendem. O maior desafio com eles é entender que Educação Infantil é brincar e interagir. Esse para mim é o maior desafio [...] você não consegue pedir para pessoa mudar, ela tem que mudar por ela. A gente faz formação, tem melhorado um pouco. À medida que um mais aberto faz, o outro vê e começa a mudar também (MB2)</i></p>	

Fonte: Da Autora.

³ Para saber mais acesse nota 01/2016: A aprovação do Projeto de Emenda Constitucional n. 241 significa estrangular a educação pública brasileira e tornar letra morta o plano nacional de educação 2014-2024. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/images/nota-conjunta-fineduca-cnde_01_2016.pdf>. Acesso em: 19 out. 2016.

⁴ A pesquisa que possibilita a escrita deste texto tem o seguinte título: *Formação Continuada em Instituições Conveniadas de Educação Infantil*, vinculada à pesquisa Mapeamento da Educação Infantil do Espírito Santo. Para fins de desenvolvimento deste texto, realizou recorte dos dados provenientes da primeira etapa de campo, cujo procedimento realizado foram entrevistas semiestruturadas a profissionais responsáveis pela Educação Infantil nas Secretarias de Educação dos municípios selecionados para participação na pesquisa.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.

Legenda: Os dados que possibilitam a realização deste artigo foram organizados a partir do desenvolvimento da pesquisa de doutoramento em Educação, cujo tema é a “Formação de Professores em Instituições Conveniadas de Educação Infantil”.

Conforme acenam os dados, acreditamos nos dois eixos da interação e da brincadeira como orientadores do trabalho na EI, sendo esses eixos mobilizadores de práticas formativas que nos possibilitem formar com(a) vida, inclusive no aprendizado com as letras e números. Por meio da brincadeira, acreditamos que as crianças estabelecem interações de mútuo aprendizado (VYGOTSKY, 1994), sem a pressão social que anula as diversas possibilidades de relações e reduz o processo de aprendizado nas instituições a um processo mecânico de escolarização.

Acreditamos no riso como um lugar em que “[...] destruimos as certezas” (LARROSA, 2004, p. 181) e mobilizamos o lugar da criança, inclusive a criança que vive dentro de cada adulto, como um ato de reconhecer o lugar da brincadeira como um lugar de aprendizagens, tal como nos inspira a compor Barros (2010), quando reflete sobre as *raízes crianceiras*:

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores (BARROS, 2010, s/p).

Nesse sentido, observamos que a interação e a dialogia estabelecida por meio da brincadeira e da interação com os elementos do mundo, nos educa para a comunhão com o outro, ressoando em nossa formação enquanto seres humanos. A partir dessas reflexões, salta como uma problemática o tema da brincadeira no cotidiano das instituições educacionais, como uma aposta de renovação da vida e fortalecimento da dialogia (e conseqüentemente das aprendizagens), no interior das relações. Com essa compreensão, passamos ao próximo tópico, em que abordamos sobre o brincar como uma possibilidade de viver a vida alegre.

3 O BRINCAR COMO UMA POSSIBILIDADE DE VIVER A VIDA ALEGRE

Conforme tratamos na seção anterior vivifica o conceito de vida alegre, na medida em que se incorpora a ideia da Cultura Popular, da cultura do brincar e da carnavalização, a partir da reflexão sobre o frevo no carnaval de Recife (PAJEÚ, 2014). Nesse sentido, para análise do brincar como uma das possibilidades de viver uma vida alegre, associamos o conceito de responsabilidade, como algo posto e imposto, que na dimensão do vivido se constituem por meio das forças sociais. Afinal, é comum vivenciarmos enunciados que proíbem a brincadeira, seja por segurança, seja apenas por acordo interno em espaços coletivos, tal como observamos nas placas afixadas em paredes de espaços de convivência.

Assim, vemos que de acordo com o contexto e as regras instituídas pela sociedade (CASTORIADIS, 1986) não se pode brincar a todo tempo e em todos os espaços. Em interface a isso, também aprendemos com nossos referenciais (BAKHTIN, 2006; 2010a; 2010b; 2011, CASTORIADIS, 1986; CERTEAU, 1994;), que a vida é vivida também em meio a regulações, táticas e estratégias que implicam também em “[...] conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder, etc” (BAKHTIN, 2006, p. 14), que vem do interior dos sujeitos, na sua responsabilidade com o mundo.

Este ato produtivo único é precisamente aquele no qual se constitui o momento do dever. O dever encontra a sua possibilidade originária lá onde existe o reconhecimento do fato da unicidade da existência de uma pessoa e tal reconhecimento vem do interior dela mesma, lá onde esse fato se torna o centro responsável, lá onde eu assumo a responsabilidade da minha própria unicidade, do meu próprio existir (BAKHTIN, 2010a, p. 99).

Portanto, se vivemos num cotidiano austero, especialmente no que se refere às políticas educacionais de atendimento à infância⁵, entendemos que somos sujeitos ativos e responsivos, constituídos por indicadores de mudança, que acreditam que pela memória de futuro é possível ressignificarmos o cotidiano, nos formando mutuamente. Assim, a partir da ideia de sujeito bakhtiniano, numa concepção de formação, em que “[...] o sujeito se forma concomitantemente com o mundo” (BAKHTIN, 2011, p. 222) e de que somos inteiramente

⁵ Destaque em especial para as ações do Programa do Governo Federal, intitulado “Criança Feliz”, lançado no mês de outubro no Palácio do Planalto e às críticas associadas à gestão do Programa. Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/o-lugar-de-primeira-dama-assistencialista/>>. Acesso em: 07 out. 2016.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.

ativos, entendemos que “[...] as vivências que tendem a diluir-se e concluir-se: nisso está minha responsabilidade, a minha felicidade a mim em meu futuro, meu propósito” (BAKHTIN, 2011, p. 114).

Nessa relação dialógica que se dá, por exemplo, durante a brincadeira, entendida como um elemento cultural em nossa sociedade, podemos, por exemplo, aprender muito com a Cultura Popular, que não se trata de uma cultura menor, muito menos comum a um grande coletivo de pessoas, a exemplo dos aprendizados estabelecidos com a cultura do carnaval em Recife (PAJEÚ, 2014). Vemos assim, a brincadeira como reconhecimento de ver a vida melhor, de ter uma visão positiva da vida, apostando na inventividade do ser humano e criticando a cultura do consumo, da rendição às lógicas da produção privada, do consumo em massa, em pacote, do brinquedo pronto, da ausência de viver o processo. Essa lógica, que visa apenas o lucro e ao capital econômico, também pode ser vista na animação “O menino e o mundo”⁶, na vida cíclica do homem na luta pela sobrevivência no mundo permeado pela indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1991).

Considerando esse panorama, que avança no cotidiano do viver, fazemos a aposta da carnavalização pela via do brincar, acreditando no sujeito da compreensão, a partir da ideia bakhtiniana de que “[...] o sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato da compreensão, desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento” (BAKHTIN, 2011, p. 378), portanto, entendemos a brincadeira como um lugar de interação, em que sempre é possível se alterar no encontro com o outro, inclusive para revolucionar a condição do vivido. Assim, acreditamos na formação pelo encontro com o outro, enxergando a brincadeira como uma possibilidade de viver a vida alegre, na “[...] própria fonte do riso como o próprio movimento da vida, isto é, o devir a alternância, a alegre relatividade da existência” (BAKHTIN, 2010b, p. 121)⁷. Um viver que angaria parceiros, na trajetória do

⁶ O filme consiste na seguinte sinopse: “Sofrendo com a falta do pai, um menino deixa sua aldeia e descobre um mundo fantástico dominado por máquinas-bichos e estranhos seres. Uma inusitada animação com várias técnicas artísticas que retrata as questões do mundo moderno através do olhar de uma criança”. Mais informações disponíveis em: <<http://omeninoemundo.blogspot.com.br/p/equipe.html>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

⁷ Ver filme Tarja Branca. O filme consiste na seguinte sinopse: “A partir dos depoimentos de adultos de gerações, origens e profissões diferentes, o documentário discorre sobre a pluralidade do ato de brincar, e como o homem pode se relacionar com a criança que mora dentro dele”. Por meio de reflexões, o filme mostra as Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.

vivido, mobilizando acúmulo de bagagens, de inventividade, que se amplia a cada encontro da cadeia dialógica, a cada encontro com o mundo.

A minha vida é, é andar pelo mundo. A minha vida é, é andar pelo mundo. Não sou vagabundo quero trabalhar. Cantador bom só canta o que presta. O som de minha rabeça não deixa a desejar. Já arrumei toda minha bagagem. Pra fazer a viagem eu vou caminhar. Cobra que não anda não engole sapo. E a sola de meu sapato deixa se acabar. Quem nesse mundo não percorre estrada. É bagagem furada, nada tem pra contar. No meu Brasil onde tenho passado. De cidade e estado muda temperatura. Vou para outros países de navio e avião. Levo em meu coração a saudade de casa. Sou uma cigarra canto pra bambu gemer. Mas quero conhecer mestres e outras culturas (SALU, 2010, s/p).

Com isso, defendemos a ideia de um brilho permanente, que no interior de um sujeito brincante ressoa na resistência ao mundo triste, potencializando a vida alegre, à resistência dos desafios da conjuntura vivida (com também desmotivações no encontro com o outro), que possibilitam, ao organizar os véus e ao posicionar as lentes da vida, reconhecer o riso, o carnaval, a brincadeira como uma possibilidade de viver a vida melhor, tema que buscamos abordar na próxima seção.

4 A CULTURA POPULAR DE RECIFE COMO UMA CULTURA DO BRINCAR

A partir das reflexões sobre Cultura Popular desenvolvidas por Pajeú (2014), refletimos sobre o contexto da cultura do carnaval de Recife, especialmente a brincadeira do Frevo como elemento que exemplifica a carnavalização da vida. Como abordado pelo autor, o carnaval de Recife é um dos mais populares do Brasil. Nesse carnaval, as pessoas contam com a cultura de brincar o frevo celebrando a atividade carnavalesca. Na inspiração de sua tese, refletimos sobre três temas interligados que constituem uma arena para elaborarmos a temática deste texto. A Cultura Popular, a cultura do brincar e a carnavalização são temas que se aproximam na medida em que constituem a vida dos sujeitos, ressoando na liberdade do corpo, no sentimento e nas interações com o outro. Nessa relação e nos pontos de contato com o outro, pela via da brincadeira, aprendemos, interagimos e nos formamos, compondo fios dialógicos que ressoam em aprendizados para a vida.

diferentes formas de como a brincadeira, ação tão primordial à natureza humana, pode estar interligada com o comportamento do homem contemporâneo e seu "espírito lúdico". Mais informações disponíveis em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-229187/>>. Acesso em 19 out. 2016.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.

Como aprendemos a partir da teoria bakhtiniana, na festa popular, essas interações vão se compondo “[...] livres e brincalhonas: com direito de rir e de entregar-se a palhaçadas, de liberdade e de franqueza” (BAKHTIN, 2010b, p. 249). Uma cultura que, com seus modos próprios de se organizar, se constitui com o riso, em suas múltiplas formas e sentidos possíveis, compondo assim, um riso carnavalesco, que se materializa como um “[...] lugar patrimônio do povo” (BAKHTIN, 2010a, p. 10), portanto, exemplificamos, considerando o frevo como um lugar da brincadeira, que nos tira “[...] dos trilhos da vida comum” (BAKHTIN, 2010a, p. 204), constituídas inclusive pela música, na compreensão da “[...] vida cultural, do papel do som, da palavra sonora” (BAKHTIN, 2010a, p. 157).

Associado a isso, vemos que pela carnavalização da vida nos libertamos das leis e regras, que não apartados das relações sociais (BAKHTIN, 2006), possibilitam viver as leis da liberdade (BAKHTIN, 2010a). No caso do carnaval de Recife, se brinca com o frevo, no movimento de, em meio a lutas ideológicas, busca-se subverter o Estado, pela via do carnavalizar com o frevo (PAJEÚ, 2014), considerando os diferentes sentidos desse riso ambivalente, “[...] alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (BAKHTIN, 2010a, p.10). Assim, acreditamos no brincar como uma possibilidade de viver a vida alegre, resistindo às agruras da vida, à opressão, ao mundo triste, num processo de amorosidade e de postura responsável no mundo, pois “[...] do meu lugar único, somente eu-para-mim-mesmo sou eu, enquanto todos os outros são *outros* para mim” (BAKHTIN, 2010a, p. 104, grifo nosso).

Nessa perspectiva, acreditamos na possibilidade de negociação dos sentidos, mobilizando a ideia da revolução por meio da brincadeira, como um ato de reconhecer, na arena da vida, o riso como um lugar de (re)invenção, de interação, de brincar, de liberdade, para (exis)resistir à pressão das urgências do tempo, da pressão social, da sociedade do consumo, que nos aprisiona, inquieta e inflama. Da vida triste, que pulsa na realidade do existir e vai esvaindo a imaginação, enfraquecendo nossas raízes criancieiras (BARROS, 2010), buscamos fomentar a nossa possibilidade de rir, de carnavalizar, de rir e dialogar com o sério (LARROSA, 2004, p. 178), trabalhando com a decisão de amar o mundo o bastante (ARENDDT, 1972), para ter responsabilidade com o outro (BAKHTIN, 2011), pois ainda são comuns os desafios associados ao reconhecimento da interação e da brincadeira no contexto social da EI como um

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.

lugar de aprendizagens, nos apontando horizontes da aposta na conjuntura vivida. Acreditamos que, fortalecendo o conceito de carnavalização na vida, podemos, pela via da brincadeira, ressignificar as ameaças e as características do mundo triste, deixando um mundo melhor ao próximo, como nos inspiram a agir, nossos referenciais:

A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevistas para nós, preparando-as em vez disto com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDDT, 1972, p. 124).

Com isso, passamos às considerações finais, mobilizamos a teoria de acreditar na formação pela vida, pela brincadeira que revoluciona, liberta e (trans)forma, criando e recriando, mobilizando a linguagem espontânea da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A BRINCADEIRA COMO UM ATO REVOLUCIONÁRIO

Nas considerações finais deste texto, objetivamos ter chegado à compreensão da brincadeira como um ato necessário na busca pela revolução do tempo presente. Um tempo assolado pela desumanização, pela ausência de responsabilidade com o mundo. Na primeira seção, tematizamos sobre a Cultura Popular como uma cultura do brincar, com destaque para o carnaval de Recife, especialmente o frevo como brincadeira que carnavaliza a vida. No segundo, abordamos sobre o brincar como uma possibilidade de viver a vida alegre resistindo ao mundo triste, compreendendo o sujeito que carnavaliza como um sujeito brincante. No terceiro, refletimos sobre o desafio do reconhecimento da interação e da brincadeira no contexto social da EI, com destaque para os enunciados das secretarias de educação dos municípios, a partir de pesquisa realizada.

Com essa ideia, buscamos marcar a aposta na brincadeira como um ato revolucionário, considerando a inspiração bakhtiniana, de que, como sujeitos ativos e responsivos no contexto vivido, possamos viver a “[...] clandestinidade política sadia, na ideologia revolucionária em todos os campos da cultura” (BAKHTIN, 2004, p. 90). Nessa perspectiva, nos posicionamos no mundo respondendo ao contexto de desafios, com atos responsivos e responsáveis, Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.

procurando fomentar a resistência ao mundo triste, pela via o riso, da brincadeira, da carnavalização, da subversão ao tempo triste, com atos de revolução⁸.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 7. ed. São Paulo: Hucitec; 2010b.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **O freudismo: um esboço crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BRASIL. CNE/MEC. **Resolução nº 5**, de 17 de dezembro de 2009. Estabelece Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2298&Itemid>. Acesso em: 22 jun. 2013.

⁸ Ver música Apesar de Você, Chico Buarque. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/7582/>>. Acesso em: 19 out. 2016.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

LARROSA, Javier. Elogio do Riso. In: LARROSA, Javier. **Pedagogia Profana**: Danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 167-182.

PAJEÚ, Hélio Márcio. **A estética da cultura popular na folia de momo do Recife**: questões de alteridade, corporeidade e transgressão. 2014. 1 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SALÚ, Maciel. Minha vida é o mundo. In: **Independente**. 2010. 1 CD. Faixa 14. (7 min).
VIGOTSKY, Lev Semyonovich L. S. A. **formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Trabalho recebido em: 17/03/2017

Aceito em: 18/05/2017

Publicado em: 27/12//2017

COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO:

ALVES, Kallyne Kafuri. Resistindo ao mundo triste: a brincadeira e a carnavalização como atos revolucionários. **Revista Pró-Discente**, Vitória, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.